

BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1906

N.º 190

Nova lei de imprensa



Resurreição da... Rosa Tyranna

Os jornalistas e a lei de imprensa

Na tarde de 9 reuniu em assembleia geral a Associação dos Jornalistas de Lisboa para se occupar da proposta de lei de imprensa apresentada pelo governo ao parlamento e tomar conhecimento do projecto de lei elaborado, pelo escriptor e publicista dr. Trindade Coelho, a pedido da mesma Associação.

Uma comissão constituída por Consiglieri Pedroso, presidente, Theophilo Braga, D. Luiz de Castro, Alfredo da Cunha, Magalhães



Conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage

Lima, Barbosa Colen e Cunha e Costa, secretario, foi por aclamação eleita pela assembleia, e, por seu turno, convocou ella os directores de todos os jornaes de Lisboa para uma reunião em que se deveria assentar na melhor fórma de protestar contra a citada proposta de lei.

Esta grande comissão fôra auctorizada a empregar os meios necessarios de conseguir que á frente d'ella figurassem dois nomes

dos mais illustres da intellectualidade portugueza: o conselheiro Bocage, um grande sabio, e Bulhão Pato, um grande poeta.

São os unicos sobreviventes d'aquelles que em 1850 firmaram um protesto nacional contra a ominosa lei de imprensa do conde de Thomar, protesto, firmado tambem pelos nomes eminentes e consagrados de Garrett, Herculano, Ferrer, e outros sabios, professores, jornalistas, etc.

Na reunião chamada dos directores de jornaes e na que se lhe seguiu foi lida uma representação á camara dos deputados elaborada pelo secretario da comissão de protesto

contra a proposta de lei governamental, e, entre outros alvitres tomados pela assembleia foi approvada a proposta do jornalista Barbosa Colen, director do jornal *Nocidades*, para que os jornaes que a ella adherissem cortassem as suas relações com todos quantos intervissem para que fosse transformada a proposta do governo em lei do paiz, de fórma que nenhuma referencia ou menção d'elles fosse feita desde que com o seu voto ou a sua assignatura qualquer responsabilidade assumissem.

Como a importancia do assumpto, o valor das reuniões, e a sin-

gularidade d'esta proposta, interessassem vivamente a imprensa e a opinião, o *Brasil-Portugal* estampa hoje nas suas paginas os retratos não só dos srs. drs. Bocage e Bulhão Pato, essas duas vene-



Raymundo de Bulhão Pato

randas reliquias de um passado longinquo e glorioso, e do sr. Trindade Coelho, auctor do projecto, mas tambem do presidente da associação e de todos os professores e jornalistas que compõem a comissão de protesto.

A quinze dias de vista . . .

Letras que nao obrigam a protesto

XVII

No regimen de absoluta liberdade. Um attentado centra a liberdade de pensamento e a propriedade. Incoherencias que prejudicam quem as soffre e quem as pratica. A censura no theatro. Como ella era exercida. Contam-se aneddotas. Eduardo Schwalbach e o dr. José Veiga. O actor Roldão e o sr. conselheiro Francisco Beirão. Manuel de Roussado e Rodrigo da Fonseca Magalhães. Os conservadores d'outro tempo eram mais liberais que os liberaes de hoje. Mudam os tempos e mudam os homens.



Consiglieri Pedroso

Presidente da assembleia geral da Associação dos Jornalistas

Na quinzena finda occorreu um facto que passou despercebido da quasi totalidade dos meus leitores, mas que nem por isso deixa de ter grandissima importancia, não deixa de ser um dos mais assombrosos attentados contra a liberdade de

pensamento e a propriedade. O caso passou sem reparos por ter ocorrido n'um meio modestissimo, longe d'aquella camada que forma a chamada opinião.



Dr. Cunha Costa

*Secretario da commissão de protesto,
e relator da representação ao parlamento*

Trata-se do seguinte: a policia prohibiu uma peça—revista—em scena no theatro da Rua dos Condes, que já tinha umas tantas representações n'essa casa de espectaculos e mais de trezentas e cinquenta n'um theatro de feira. Razão adduzida por justificar a violencia: offensas á moral.

Eu insurjo-me como escriptor e como simples cidadão contra este duplo attentado. Abertamente o declaro. E não me insurjo porque applaudo a immoralidade, que condemno em todas as circumstancias, mas porque tenho o meu fraco pela Logica.

Eu não comprehendo — e, comigo, muita gente boa — como a policia, assistindo ao ensaio geral de uma peça, deixando-a representar treze o pejo, avermelhando o escandalo, acorde um

zentas e cinquenta e tantas vezes sem as faces da população, reclame contra bello dia com pruridos de moralidade e, sem mais tir'-te nem guar'-te, prohibe a exhibição de um spectaculo que, bom ou mau, representa trabalho intellectual e constitue exercicio de uma industria legal, previamente auctorizada pela censura e contra a qual ninguem reclama.

A Lei, ou o que é melhor, a interpretação da Lei, não pode depender de vinetas. O espirito da lei não pode ser torcido, sophismado ou menosprezado

presentar, porque devia tel-a prohibido. O dever *moral* da policia, ainda n'este caso, seria manter a resolução da sua censura, isto é, a liberdade de representação. A policia teria errado, mas teria sido coherente. Ninguem é obrigado a acertar — nem mesmo Sua Santidade a quem se attribue infalibilidade — mas a toda a gente, e momente a uma instituição como a policia, corre o dever de ser logica.

Assim evitaria a policia uma situação falsa e illegal, que é sempre má, mesmo n'uma terra em que a auctoridade faz o que quer sob o regimen... da liberdade. Porque, se é certo que ninguem chamará á auctoridade o funcionario que exorbitou, pedindo-lhe a responsabilidade do seu despotismo de agora, ou em caso de desculpa justificada em reconsideração, pela sua incuria primitiva, é certo, tambem, que todos nós, escriptores, e funcionarios que exorbitam, estamos sujeitos ao *reductum* d'um jury que julga sempre em ultima instancia: a opinião. E a opinião, n'estes casos, não é, como geralmente succede... o que os outros pensam, porque é simplesmente o que pensam todos, inclusivé o delinquente.

E esta? Então eu não me ia... indignando?!... Ora o demónio não tem somno!... Que o pio e benevolo leitor me releve, pela sua muita bondade, este desvio que deploro sinceramente, mas não tão sinceramente que me sinta resolvido a rectifica-lo. E já que falámos da revista prohibida e estamos na epoca das revistas e n'um periodo pobrissimo de acontecimentos para a chronica, vou contar-lhes historias simples e risonhas, absolutamente ineditas, que se relacionam intimamente com esse genero de peças tão querido do publico e com os seus auctores.

A censura policial nunca foi exercida entre nós em nenhum genero de litteratura como no theatral. Essa censura, relativamente a offensas á moral, comprehende-se e applaude-se. Eu, modestissimo escriptor de theatro, apresso-me a declarar que a exijo. E n'esta simples phrase creio ter estabelecido o meu programma, aliás já cumprido, e desviado do espirito de quem não me conheça a suspeição de que tenho má vontade á auctoridade censora. Mas declaro tambem, e muito peremptoriamente, que não vou além d'isto: que não considero legal o corte de passagens de uma peça allusivas a factos do dominio publico, ventilados na imprensa, á vida publica dos funcionarios responsaveis, á caricatura de pessoas, quando, n'este ultimo caso não haja reclamação fundamentada da parte interessada. E revoltei-me em tempo, especialmente, contra a maneira verdadei-



Barbosa Colen

Vogal da commissão de protesto



Dr. Theophilo Braga

Vogal da commissão de protesto



Dr. Alfredo da Cunha

Vogal da commissão de protesto

pelo facto de a policia ter visto tal coisa ou encarado tal acontecimento atravez dos oculos fumados e optimistas de Panglos, nem tampouco porque ella, estando de mau humor, lhe dê para moralisar a bella sociedade fazendo tolices de todo o calibre, que assumem proporções de monstruosidades.

Permittindo a exhibição da peça, deixando-a representar centenas de vezes, a policia nunca poderá justificar a estupenda violencia que acaba de commetter, nem mesmo declarando que relativamente a moral lê hoje por outra cartilha, porque auctores e empregarios não podem estar sujeitos á contingencia de taes mudanças de compendio.

Admittamos mesmo a hypothese de que houve demasiada tolerancia por parte da auctoridade quando, antes do publico, ella tomou conhecimento da peça e que indevidamente a deixou re-

ramente indecorosa e desprezadora do prestigio dos homens de letras por que se exercia a censura, commettendo-a muitas vezes... a um cabo de policia analphabeto.

Mil annos que eu viva nunca hei-de esquecer que uma bella noite, durante o ensaio geral de uma peça minha, uma d'essas creaturas, voltando-se para o palco e dando duas formidaveis palmadas no parapeito d'uma friza, gritou a um artista distincto:

— Que é lá?... Que é lá isso?!... Diga outra vez essa *passage* de maneira qu'a gente entenda!

Eu estava sentido áquem do panno de bôca. Levantei-me e naturalmente quiz gritar qualquer coisa. Mas um soluço, estrangulando-me, não me deixou articular uma unica palavra e desatei a chorar convulsamente, como uma creança que fosse espancada por um lacaio. O vexame fora



D. Luiz de Castro

Vogal da commissão de protesto

superior à indignação. Pela primeira e unica vez tive vergonha... da minha profissão.

Mas o que lá vae, lá vae. Vamos aos casos picarescos, que são os verdadeiramente interessantes para os habituaes leitores d'esta pagina.

O primeiro executor da ultima *maneira* de censura theatral entre nós, foi um excellente e infeliz rapaz já fallecido. Era um funcionario zelosissimo, modelar, de uma intransigencia feroz. Não havia



Dr Trindade Coelho

Auctor do projecto de lei de imprensa, apresentado na assembléa geral da Associação dos Jornalistas, em 9 de dezembro

meio de conseguir d'elle a menor tolerancia para casos verdadeiramente inoffensivos mas que elle, no seu fanatismo pela lei e consequentemente no facciosismo de uma interpretação muitas vezes errada, julgava peccados sem remissão. Essa creatura que foi, como já disse, boa, era no entanto o flagello, o terror dos auctores de revista. Eduardo Schwalback, seu amigo de infancia, intimo, tinha-lhe medo porque sabia que nada conseguia d'elle.

Queria, no entanto, Schwalback fazer n'um quadro da revista a critica ao regulamento dos theatros n'esse anno publicado. O caso era bicudo. Debicar no regulamento e dar gebadas no funcionario a quem alludo, seria uma e a mesma coisa. Schwalbach, porem, não desanimou. Escreveu o quadro, por signal engraçadissimo, e pol-o a ensaios. Todos, no theatro, andaram de queixo caído. — Isto pode lá ser! dizia-se. F... deixa lá passar isto!... E é pena, porque tem muita graça! O illustre comediographo sorria e deixava correr o marfim. Elle tinha a sua ferrada.

Chegou a noite do ensaio geral. Entrou o censor no theatro com cara de poucos amigos. Sabia tudo — sabia perfeitamente o que se ia passar e que, a despeito da muita amizade e consideração que tinha pelo auctor, ia dar-lhe um desgosto.

Tudo a postos. A auctoridade, na friza respectiva, esperava. A orchestra atacou a abertura... N'este momento, sentiu-se abrir violentamente a porta de um camarote. A auctoridade, pasmada e tremula de raiva, levantou-se e cumprimentou... o governador civil de Lisboa, José d'Azevedo Castello Branco.

Sentou-se o nosso homem, enfiado. O governador civil ali!.. Era partida do Schwalback! Oh! mas então, elle, funcionario policial, ia assistir áquelle ensaio como um simples espectador, visto que a sua auctoridade de censor estava annullada pela presença do seu superior hierarchico!.. Oh! era muito forte! Aquelle maroto do Schwalback tinha recursos, não havia duvida!..

Nunca um ensaio geral correu tão serenamente. Chegou o terceiro acto e n'elle o famoso quadro. A gargalhada generalizou-se por forma que pouco se percebia do que os artistas diziam no palco. Uma galhofa pegada. Ninguem poderá fazer ideia da cara do censor: estupendo!

Mas nem todos os auctores podiam dispôr do recurso que salvara a Schwalback o seu quadro do *Nicles*. Assim, Sousa Bastos, na mesma epoca, escreveu e fez representar no theatro que então explorava, o da Avenida, a revista *Talvez te escreva!* Lá foi o cen-

sor e com que vontade! Imaginem que este ensaio foi posterior ao do *Nicles!*

Corria o segundo acto quando entrou em scena o actor Roldão. Este Roldão, que é feio como os sete peccados mortaes, tem traços phisionomicos do sr. conselheiro Francisco Beirão que, auxiliados com a *maquilage*, uma cabelleira e a famosa luneta segura por larga fita de seda preta realisam magnificamente o typo do illustre estadista. De resto, o Roldão é alto e magro como o sr. Beirão.

A sua appareição em scena originou uma gargalhada enorme.

Interveiu a auctoridade.

— Não lhe consinto esse typo. Vá modificá-lo. E' a caricatura do sr. conselheiro Beirão.

Interrupção do ensaio. O Roldão foi ao camarim e tirou o bigode, apresentando-se pouco depois de cara rapada.

A auctoridade não se deu por satisfeita.

— Tire a luneta. Desmanche o typo, não ouviu?

O Roldão, que tinha o recurso de dizer que não podia dispensar a luneta por ser myope, não o fez, no entanto. Tirou-a do nariz e mettu-a na algibeira. Mas ainda assim ficava... muito Beirão. O nariz, o famoso nariz do sr. Beirão, que o tornou conhecido em todos os pontos do paiz pelos jornaes de caricaturas, mais que os seus discursos parlamentares, os seus notaveis trabalhos no fóro, a sua acção ministerial — esse nariz continuava avultando no magro rosto do Roldão.

Então o nosso homem com voz tremula de colera gritou:

— Já lhe disse que desmanche o typo! Veja se me entende! Tire o nariz!

Então o Roldão avançou até á bocca de scena e com a mais impagavel cara de garoto respondeu:

Onde canta o rouxinol



Eduardo Schwalback

D. Miguel Pereira Coutinho



† em 25 II 906

Este soube do caso e reclamou junto do ministro do reino, que era Rodrigo da Fonseca Magalhães. Prometteu Rodrigo intervir e mandou chamar o Roussado.

— Oh Roussado, vae v., que é um homem gentilissimo, fazer-me um favor.

— Pois não, sr. conselheiro!

— Na sua revista apparece o F., pois não?

— Realmente ..

— Pois v. vae fazer-me o favor de retirar o F. Em compensação fica auctorisado a substituil-o .. por mim.

Roussado sorriu e respondeu:

— Perdão, mas v. ex.ª... tambem lá está!

Rodrigo não se desconcertou.

— Não tem duvida, faça-me apparecer mais vezes. Olhe, vestido de raposa. Como sabe, eu tenho a alcunha de *Raposa*. O povo deve gostar e rir.

Roussado fez a vontade a Rodrigo da Fonseca, eliminando na peça a personagem do plenipotenciario.

Dias depois era Rodrigo procurado por um titular, alto funcionario do Paço, com grduação militar importante. Este tambem reclamava contra a sua appareição na revista. Rodrigo procurou acalmalo em vão.

— Se v. ex.ª, disse o funcionario palatino muito exaltado, acha o caso engraçado, mande que substituiam a minha figura pela sua!

— Da melhor vontade o faria, conde, mas é inteiramente impossivel...

— Logo vi! berrou o outro, furioso.

— .. inteiramente impossivel, porque já lá estou substituindo o F., que me fez equal pedido muito antes de v. ex.ª!

Como os tempos mudam... e os homens!

CAMARA LIMA.

— Peço mil desculpas a v. ex.ª...
— Não lhe admitto desculpas!
Tire o nariz!

Roldão tomou folego e recommçou:

— Peço mil desculpas a v. ex.ª mas não posso tirar o nariz. Tenho-o pegado à cara desde que nasci. É meu.

Imaginam os meus leitores o resultado. Artistas, musicos, espectadores, coristas, tudo desatou a rir perdidamente. Só a auctoridade, nervosa, mordia o bigode.

Pobre José Veiga! Este era severo, mas ao menos de um só parecer!

Para fechar: uma velha anedocta absolutamente verdadeira, dos tempos em que Christo andava pelo mundo, isto é, da epoca em que os conservadores eram mais liberaes que os liberaes de hoje.

Representava-se no Gymnasio uma revista de Manuel de Roussado. N'essa peça apparecia um ministro de Portugal acreditado junto de uma corte estrangeira.

Biographia do maior amigo de Camões

EXCERPTOS

III

Em 1811 soffreu Mathias Salazar uma das maiores deres de sua vida, senão a maior depois da morte de seu pai. Então foi que José Agostinho de Macedo sahio a lume com as suas *Reflexões criticas sobre o episodio do Adamastor*...

Luiz de Camões era deprimido pelo Zoilo; a imagem sacratissima dos amores de Mathias era enodoada pela saliva pestilencial do sordido Graciano.

..... sahiram à lica, contra o critico, João Bernardo da Rocha e Pato Moniz; mas o Graciano recalcitrou com obcecada contumacia e mais injuriosas invectivas no *Exame examinado* que publicou em 1812, ao mesmo tempo que ostentava *O Gama* com desenfreada philautia.

Decorreram oito annos em que a intervallos a polemica do contumaz fradalhão fez febres de raiva a Salazar. Recrudesceram estas ao extremo fogo da indignação, quando José Agostinho estampou uma *geral Censura dos Lusíadas*, depois de haver publicado *O Oriente no estoldo* e protervo intuito de se avant jar á epopeia de Camões, tratando o mesmo motivo do descobrimento de novos céos e novos climas «por mares nunca d'antes navegados».

Com que prazer, porém, Mathias Salazar não leu *A Agostinheida*!

A primeira vez que aos olhos de Mathias Salazar chegou o nome de Almeida Garrett, deu-se lá n'aquella entusiastica alma uma alegria, que só outra maior elle teve em sua vida, e essa hão de ver que o desceu á sepultura. Extraordinario devia ser o alvoroco do seu espirito á só palavra *Camões*, para desde o prefacio absolver o auctor do livro d'estas palavras: «declaro desde já que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza que não pelos calculos da arte e operações combinadas de espirito.»

Se Mathias n'um outro qualquer poema, não intitulado *Camões*, lésse o atrevimento de «não insultei Horacio nem Aristoteles» lança-

Visconde de Faro e Oliveira



† 29 II 906

ASPECTOS DE LISBOA



Alto do Pina

ria de si o livro, attentatorio dos preceitos e dos inviolaveis sacramentos da arte.

Leu de um só folego o livro das saudades, o hymno grandioso do que fomos como heroes e a asperrima condemnação do que fomos como ingratos.

E desciam-lhe a quatro as lagrimas quando declamava:

*Correi sobre estas flores desbotadas
Lagrimas tristes minhas, orcahae-as
Que a aridez do sepulcro as tem queimado
Rosa de amor, rosa purpurea e bella
Quem entre os goivos te esfolhou da campã?*

Depois da Restauração, Salazar pôde ver o auctor do poema; não ousaria fallar-lhe, mas deliciava-se a contemplar a espaçosa fronte

IV

Mathias Salazar, posto que tivesse sempre vivido alheio a partidos, e até ignorasse as leis da monarchia e o legítimo senhor do throno portuguez, foi demittido em 1834 do seu logar da secretaria, que exercera cerca de trinta e tantos annos. A desfortuna não lhe fez damno com esta injustiça. N'esse ou no seguinte anno morreu em Lisboa um Cônego, seu parente, que lhe deixou fazendas na provincia de Traz-os Montes, bastantes para sustentar-lhe os restantes annos de vida com decencia e quietação de animo.

VII

Desde que alguns patriotas aventaram a ideia de erigir uma estatua a Luiz de Camões, o nosso velho andava radioso de alegria,

ASPECTOS DE LISBOA



Caminho de baixo da Penha

d'onde sahira a tragedia de Luiz de Camões como os anjos poderiam escrevel-a.

Um erguera á patria uma ara onde fumará eterno o incenso do genio; o outro, na ara da patria, erigira o grão-cantor, como symbolo já agora quasi unico das venturas e ephemerias glorias d'ella, com elle mortas:

«Os olhos turvos para o céu levanta
«E já no arranco extremo: — *Patria ao menos,*
«*Junctos morremos...* E, expirou co'a patria.

já lendo a opinião da imprensa quanto ao local, já pedindo aos artistas o seu plano e offerecendo modestamente os alvitres, com que sonhava para sahir grande e digno o monumento.

No principio do anno de 1862 Mathias Salazar cahiu no leito entreado, e debalde esperou recobrar forças.

— Poderei ir ao menos n'uma sege ou cadeirinha ver a estatua do meu amigo de infancia?

O medico, a quem era feita a pergunta, ria-se da tontice do velho, cuidando que elle se imaginava contemporaneo de Camões.



Arroyos

Em vespéras do Natal

Conto para virgens



No largo de S. Domingos

CONCLUSÃO

No dia 28 de junho de 1862, ás 3 horas da tarde, pediu o velho que o vestissem de casaca, collete de seda, gravata branca, e o transportassem no carrinho á sala, cujas janellas abriam para o largo de S. Paulo.

N'aquella tarde havia de passar el-rei o Senhor D. Luiz I, para bater a primeira pedra do monumento a Luiz de Camões.

As cinco horas e meia passou el-rei com grande prestíto.

Mathias entrou n'uma convulsão, que parecia ser o renascimento impetuoso das perdidas forças. Quasi a prumo, nos braços de dois moços possantes que o sustinham, curvou-se para a rua, e exclamou:

— A ti, a ti, Luiz, estava reservada a dita de ver em teu reinado a estatua do outro Luiz, que te cantou o reino. Ambos sois reis, e reis do mesmo nome! Para ti a maior gloria é elle, que ainda é o pregão da tua patria, e só nos canticos d'elle t'a podem invejar os reis do mundo! Vae, galhardo moço, que a posteridade te levantará uma estatua ao pé d'aquella, que bastará á tua immortalidade!

Tamanho esforço lhe custaram estas palavras, que desceu quebrantado e quasi examine dos braços ás almofadas do carrinho.

E assim permaneceu desacordado alguns minutos, até que o estalido dos foguetes e o estrondear dos sinos e musicas o despertaram.

Era um despertar de quem já vê a aurora da eternidade.

Quando os navios surtos no Tejo salvaram, a tempo que a pedra do monumento era assentada, Mathias ergueu-se ainda, em tremuras, nos braços dos circumstantes e exclamou:

— Bem!... bem!... o meu Camões teve afinal uma patria... lá o diz a artilheria... Por allí passou elle, vindo da India, obscuro, pobre, com a mão estendida á mortalha dos Vimiosos:

*Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava
E faltava-me enfim o tempo e o mundo...*

Disseste-o, meu Luiz... Olha tu lá do céu, vê que nuvens de fumo toldam o teu Tejo... Annuncia Portugal ao mundo que Camões é seu... Agora tens terra, terra da que tuas lagrimas amassaram... Vi a tua gloria, leva-me agora, ó meu amigo de toda a vida, leva-me agora n'um raio do teu resplendor!

Recahiú de novo extenuado, com os olhos meio velados, e um sorrir nos labios entre-abertos.

Rodaram o carrinho para o quarto do leito. Pediram-lhe os braços para o despirem: e, como elle não respondesse, ergueram-lh'os com brando movimento, e viram que elles decaíam, logo que se achavam desamparados.

Houveram susto d'aquella atonia. Chamaram-o com anciedade, agitaram-o com a força que dá a afflicção.

Mathias Salazar, o maior amigo de Luiz de Camões, como alma immaculada em longa vida de oitenta e oito annos, subirá á bemaventurança n'um raio de gloria do seu poeta, que tambem lhe fôra o anjo do conselho, das lagrimas e da paciencia.

Entre a verdura, entre as pequeninas pedras, na familiaridade dos bichos da terra, duas flôres olhavam uma para a outra. Por escadas d'ouro desciam os raios do sol até á carnção luminosa das suus pequeninas corollas, — e os perfumes subiam até ao ar azul.

Dizem as más linguas que os incensos que sobem por escadas d'ouro, fugidos do pequenino corpo das flôres, vão perfumar as azitas negras d'essas outras flôres do céu, irmãs das estrellas, — as andorinhas.

Mas seja como fôr, o que é sabido é que entre o esmalte da verdura, amparadas a pequeninas pedras, se olham duas flôres. Ambas são vermelhas, rubidas, vaedosas da sua carne perfumada, e ambas ellas teem um coraçãoito dourado no seio carnudo dos vermelhos cyclos.

Alguem, que lhes não tivesse boa vontade, diria que se namoravam. Mas como ainda não chegou ao meio social das flôres a vertigem dos casamentos por dinheiro, e como Deus as fizera crescer defronte uma da outra, bebendo a seiva argentea da mesma raiz, ninguem lhes tolhia o amor e os olhares.

E não havia nada de extraordinário, nem escandalo nenhum: uma era masculina e a outra feminina.

A mania lésbica ainda não entrou no cérebrozinho das flôres: lá chegará com a civilisação, louvado Deus!

Ora pois, marcaram as duas flôres o seu casamento para uma certa madrugada, em que havia muita luz pelo céu e muito orvalho pela terra. Mandaram chamar o padre, e o padre veio pelo ar, trazido n'um raio de sol.

Vestia a sua casula luminosa, em fôrma de anéis, toda bordada d'uma pellugem d'ouro, e uma estôla em fôrma d'azas, larga, metálica e bordada tambem de reflexos dourados.

Era uma abelha.

Pousou na corolla do noivo e arrancou do coraçãoito amarello alguma coisa, que levou presa á pellugem do abdomen. Bebeu na taça d'um nectario um pouco de licôr, e lá foi, ainda n'um raio de sol, pousar na corolla carnudamente vermelha da noiva.

Estavam casadas.

JULIO DANTAS.

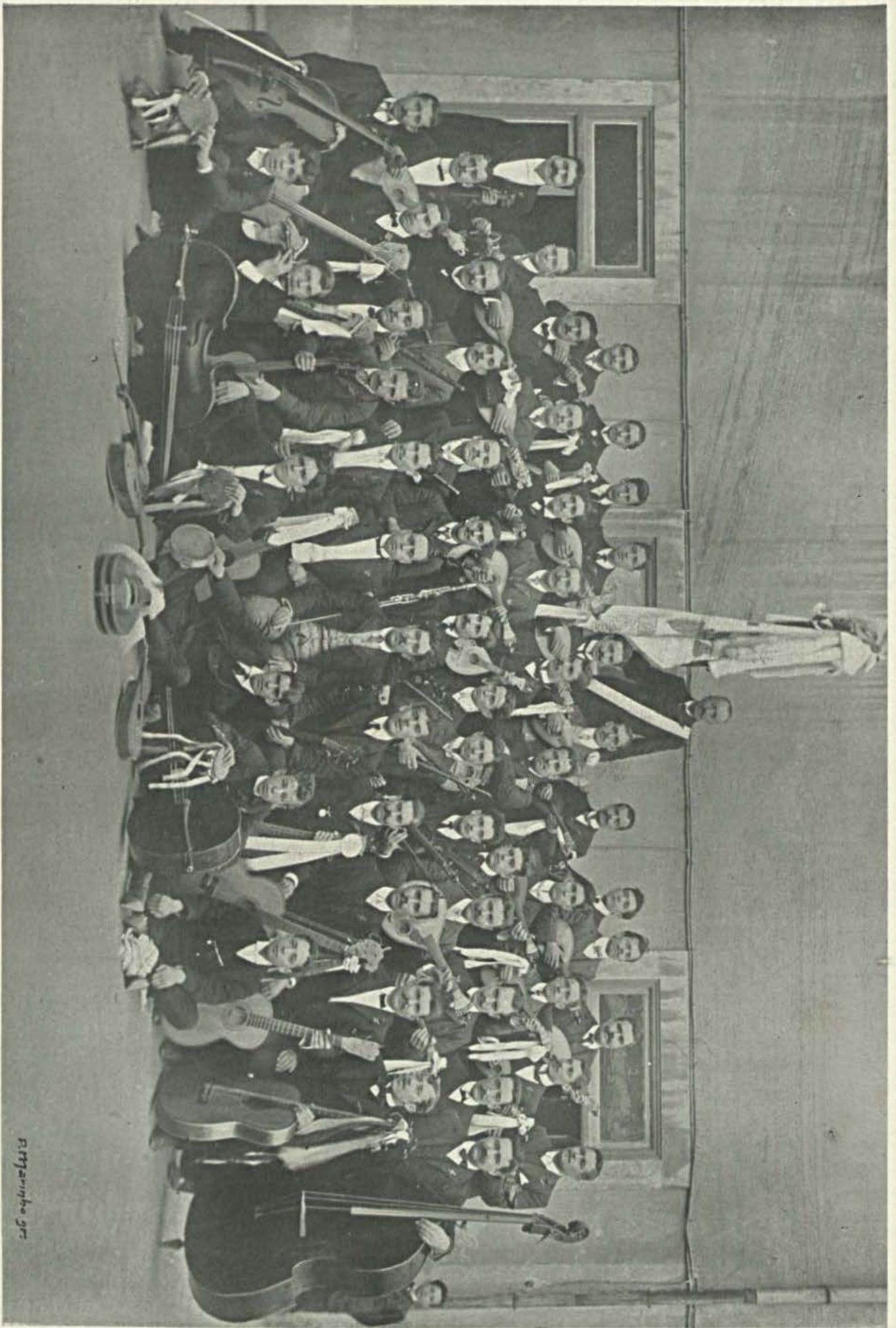
*Vês o mar dormente, enorme.
Que uma aragem arripia?
Tu és a aragem, Maria...
Eu sou a vaga que dorme.*

Pope Misterio.

Em vespéras do Natal



No largo de S. Domingos



Tuna do Atheneu Commercial de Lisboa

Pittaninho gr

No Velodromo

Concurso de sports athleticos (em 2 de dezembro)

Foi em favor de instituições de beneficencia a festa *sportiva* do dia 2. Promoveu-a um grupo de senhoras. Bem hajam ellas.

Na impossibilidade de publicarmos todas as phases das varias corridas e luctas, em que tomaram parte os principaes clubs, destacamos apenas sete aspectos, e, resumidamente, o resultado das provas.

Na 1.^a corrida (de velocidade) inscreveram-se os srs. Augusto Brito, do Foot Ball Cruz Negra, J. Chuts, C. Barley, William Bleck,



Corrida de resistencia — 1.^o premio ganho pelo sr. Macdonald, do «Carcavellos Club»

D. Rawes, e A. Henry, do «Lisbon Cricket Club», M. Nobre de Carvalho e D. Eugenio de Noronha, do Real Club Naval, Rodrigues da Silva, Francisco Rocha, J. Bust Costa, A. Borges Pinto e João Ribeiro, do «Velo Club de Lisboa».

O 1.^o classificado foi o sr. Rodrigues da Silva, que recebeu o premio offerecido pelo sr. infante D. Affonso, um tinteiro de crystal: o 2.^o o sr. D. Eugenio de Noronha e o 3.^o o sr. Nobre de Carvalho.

No lançamento do peso (5,5) foram concorrentes os srs. Manson, do Carcavellos Club, Luiz Pinto Basto, Miguel Bacellar e L. Rembado, do Club Internacional de Foot-Ball; Camecella, do Club Naval Madeirense, Carlos Dias e Carlos d'Abreu, do Foot-Ball Cruz Negra, S. U. William e D. Rawes, do Lisbon Cricket Club.

Ficou vencedor o sr. William, que recebeu o premio offerecido pelo sr. conde de Burnay, um frasco de viagem.

Para a 3.^a prova — saltos em altura — inscreveram-se os srs. Seabra Santos, do Atheneu Commercial, Wheeler, Macdonald e Cooper, do Carcavellos Club, Barley e Rawes, do Lisbon Cricket Club, sendo proclamado vencedor o sr. Rawes, que ganhou o premio offerecido pela sr.^a duquesa de Palmella, um trinchante de prata para peixe.

A 4.^a prova — corrida pedestre de resistencia, em 1800 metros, foi para os srs. Macdonald Cooper, e Ryall, do Carcavellos Club; Franco de Araujo, Pinto Basto, Rembado e Ryder, do Club Internacional de Foot-Ball; Motta Veiga e R. Fustcher, do Foot Ball Cruz Negra; Arnaldo da Silva, Cesar de Mello e José Duarte, do Real Gymnasio Club; Felix Bermudes, do Sport Lisboa, e Borges Pinto, do Velo Club de Lisboa.

Ganhou o sr. Macdonald o premio offerecido pelo Principe Real, uma taça de crystal e ouro.

Na 5.^a prova — saltos em comprimento — entraram os srs. Shuts, Barley e Rawes e Felix Bermudes. O sr. Barley ganhou o premio da sr.^a D. Maria de Mello (Ficalho) — uma cigarreira e uma phosphoreira de prata.

Na 6.^a prova — a corrida pedestre de velocidade em 100 metros — foram concorrentes os srs. Wheeler, Leith e Ryall, do Carcavellos Club; F. Pinto Basto, Freitas Motta e S. Pinto Basto, do Club Internacional de Foot-Ball; Del-Negro, do Club Naval Madeirense; Travassos Lopes e Augusto Freitas, do Foot-Ball Cruz Negra; J. Shuts, C. Barley e Williams, do Lisbon Cricket Club; Francisco Antunes, Antonio Claudio, Carlos Damasio, José Duarte e Raul Vieira, do Real Gymnasio Club; Felix Bermudes, do Sport Lisboa, e Borges Pinto, do Velo Club de Lisboa. Ganhou o sr. Barley o premio de El-Rei — uma taça de prata.

7.^a prova — A corrida de saccos, foi em 60 metros. Tomaram parte os srs. Alberto Madeira e J. Neves Vital, do Atheneu Commercial; Macdonald, Godrick, Wynter, Leith e Peile, do Carcavellos Club; Franco de Araujo, Pedro Cohen, Victor Ryder e S. Pinto Basto, do Club Internacional do Foot-Ball; Travassos Lopes, Antonio Vital e Motta Veiga, do Foot-Ball Cruz Negra; J. Shuts, C. Barley, D. Rawes e Menry, do Lisbon Cricket Club, e A. Borges Pinto, do Velo Club de Lisboa. Venceu o sr. Rawes, que ganhou o premio da commissão promotora — um trinchante de prata para peixe.

8.^a prova — A' corrida de barreiras — 110 metros — concorreram os srs. Macdonald, Godrick, Westcott, Wynter, Wheeler, Cooper e Leith, do Carcavellos Club, Pinto Basto, Pedro Cohen, Lopes de Figueiredo e Victor Reyder, do Club Internacional do Foot-Ball. Vencedor sr. Leith, que ganhou o premio da Rainha, Senhora D. Amelia — um tinteiro de crystal e ouro.

A 9.^a prova — saltos á vara — foi disputada pelos srs. Francisco Cordeiro, do Atheneu Commercial, Macdonald, do Carcavellos Club, Affonso Villar, do Club Internacional do Foot-Ball, Carlos de Abreu e Sousa Basto, do Foot-Ball Cruz Negra, e Cesar de Mello, do Real Gymnasio Club. Vencedor o sr. Francisco Cordeiro que recebeu o premio do sr. ministro de Inglaterra — botões de oiro e brilhantes para punhos.

Na 10.^a prova — lançamento de bola de cricket — inscreveram-se os srs. Godrich, D. O'Connor e Peil, do Carcavellos Club, Eduardo Pinto Basto, do Club Internacional de Foot-Ball, Abel de Macedo, do Foot-Ball Cruz Negra, C. Barley e D. Rawes, do Lisbon Cricket Club. Vencedor o sr. Rawes, que ganhou o premio da sr.^a marquezia do Fayal — um jarro com tampa de prata.

Na 11.^a prova — corrida de obstaculos, 300 metros — correram os srs. D. Rocha, do Atheneu Commercial; Godrich, Westcott, Wynter, Macdonald, Cooper, Leyde, Peil e Rejall, do Carcavellos Club; Miguel Bacellar, Pedro Cohen, Lopes de Figueiredo, Placido Duro e Victor Reyder, do Club Internacional do Foot-Ball; Alfredo Camecelha, Ricardo Del Negro e Paes Abranches, do Club Naval Madeirense; Travassos Lopes e Motta Veiga, do Foot-Ball Cruz Negra, Shute, Barley, Rawes e Henry, do Lisbon Cricket Club; Bermudes, do Sport Lisboa e Borges Pinto, do Velo Club de Lisboa. Venceu o sr. Shute, que obteve o premio offerecido pelo sr. conde de Font'Alva — uma cigarreira de prata.

12.^a prova — Na corrida de tres pernas na distancia de 100 metros inscreveram-se os srs. Madeira e Vital, do Atheneu Commercial; Peil, Ryall, Winter, Cooper, Macdonald e Leith, do Carcavellos Club; Eduardo Pinto Basto, Figueiredo, Duro, Motta, Guilherme Pinto Basto, Cohen e Reyder, do Club Internacional Foot Ball; Freitas, A. Vital, Travassos e Macedo, do Foot Ball Cruz Negra, Williams, Barley, Rawes, Schults e Henry, do Lisbon Cricket Club, Damasio, Vieira, Silva, Duarte, Antunes e Claudio, do Real Gymnasio Club. Venceram os srs. Augusto Freitas e Antonio Vital, que receberam o premio da commissão de senhoras — dois aifinetes de oiro com brilhantes, para manta.

13.^a prova — Lucta de tracção. Concorrentes o Club Internacional do Foot-Ball, o Club Naval Madeirense, o Foot-Ball Cruz Negra, o Lisbon Cricket Club e o Real Club Naval. Foi o Club Naval Madeirense que ganhou o premio — uma salva de prata — offerta do sr. conde de Franco.

Definição geometrica:

— A mulher é um *polygono irregular* de um sem numero de faces.



No Velodromo. — Camarote real

Politica internacional

A prophécia, que na anterior chronica fizemos a respeito do governo do general Lopez Dominguez, realisou-se mais cedo do que nós proprios podiamos esperar. Mas realisou-se por maneira inteiramente inesperada, que não entrava nas nossas previsões. O ministerio estava fatalmente condemnado, como o estarão todos os que se lhe seguirem dentro do actual partido liberal, porque Maura apoiado na camarilha a todos está difficultando a existencia com o tacito ou expresso assentimento de Affonso XIII. Mas o que excedeu a expectativa de todos foi que o gabinete cahisse no dia seguinte áquelle em que recebeu um voto de confiança da maioria da camara e da totalidade do partido liberal, e que a sua queda fosse provocada exactamente por um dos mais graduados membros d'essa maioria, e do bloco das fracções liberaes do parlamento. Foi este tacto singular que originou a surpresa geral com que a noticia da crise foi recebida. Para comprehensão dos ultiores successos, torna-se necessario recordar o motivo proximo determinante da queda do gabinete Lopez Dominguez.

Depois da votação da moção de confiança, que reuniu n'um só bloco contra as opposições conservadoras todas as fracções do partido liberal, o presidente do conselho julgou se seguro da victo-



No Velodromo. — Saltos de comprimento — vencedor o sr. Barley

ria e preparou se para levar por diante com vigor o projecto de lei sobre as associações religiosas. N'uma conferencia que teve com o rei e referindo se á situação politica creada por esse voto, affirmou o general Lopez Dominguez a união da maioria liberal em volta do governo, como de resto se deduzia da moção de confiança havia pouco approvada. Então Affonso XIII com gesto theatral e como se de antemão se tivese preparado para a comedia, que ia comecar a representar se, saca da algibeira uma carta de Moret em que este lhe declarava precisamente o contrario, isto é que a maioria estava dividida e uma parte d'ella se mostrava hostil ao governo e irreconciliavel com os seus projectos.

Em presença de tão formal desmentido o general Lopez Dominguez apresentou immediatamente a demissão collectiva do ministerio, sendo-lhe esta logo acceita pelo rei, o qual acto continuo chamou o auctor da carta para formar ministerio. Semelhante pressa da parte do rei e semelhante solução da "crise da carta", como se lhe ficou chamando, provam bem que Affonso XIII entrou na conspiração contra o gabinete, porque se não entrasse mal se comprehende que tivesse chamado para formar a nova situação exactamente o homem que mais dividia a maioria e maiores odios n'ella concitava, sobretudo depois do seu desleal procedimento. E que o rei praticou um grave erro chamando Moret, os immediatos acontecimentos se encarregaram de o mostrar, porquanto o novo governo nascido tão anormalmente cahiu quarenta e oito horas depois da sua formação, fustigado no parlamento e apupado nas ruas. A queda de Moret n'estas circumstancias constitue, segundo nos parece, caso unico na historia constitucional da Hespanha, pela menos nos ultimos tempos, e vae contribuir para ainda esphacelar mais o partido liberal, tão retalhado por dissensões intimas e pelas mais deploraveis ambições. Cahido o governo foi chamado para resolver a gravissima crise politica, que pela retirada de Moret assim se abria, o velho marquez de la Veja d'Armijo, antigo companheiro de Sagasta e ministro com elle por varias vezes, mas que ninguem suppunha em circumstancias de assumir o poder, em tão difficil conjunctura principalmente.

Relatados os principaes episodios da complicada crise, que temporariamente está resolvida pela chamada aos conselhos da corôa do Marquez de la Veja d'Armijo, occorre naturalmente agora perguntar: por que motivo cahiu o general Lopez Dominguez? Quanto tempo estará no poder o actual ministerio?

Emquanto á primeira pergunta temos a distinguir entre a causa proxima e apparente da queda do ministerio Lopez Dominguez e a causa remota, a verdadeira, d'essa queda. A apparente é a que foi communicada ao publico — a carta do sr. Moret. A verdadeira, porém, que não se disse alto, é a que tem produzido todas as crises



No Velodromo. — Lucta de tracção, Grupo do Club Naval Madeirense, vencedor

desde que foi chamado o ministerio liberal presidido pelo sr. Montero Rios.

Deade o primeiro dia, em que foram chamados ao governo os liberaes, a camarilha do palacio do Oriente conluída com o chefe dos conservadores clericos, o sr. Maura, não tem cessado de intrigar para que o programma avançado dos diferentes ministerios não seja posto em pratica. E até agora tem-n'o conseguido. Por um lado a divisão dos liberaes serviu á maravilha os planos da opposição conservadora, que com grande pertinacia e não menor habilidade já inutilisou em pouco mais de um anno quatro ministerios, preparando se para inutilisar o quinto. Por outro lado, e



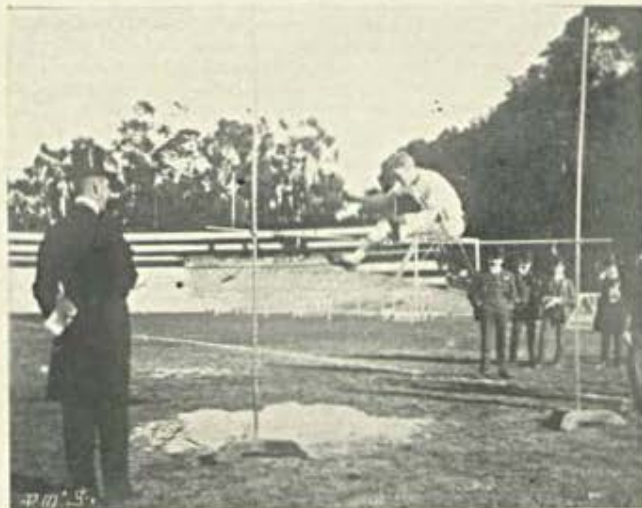
No Velodromo. — S. U. William, do «Lisbon cricket club», vencedor no lançamento do peso de 5 1/2 kilos

sob as apparencias hypocritas de um supposto liberalismo, Affonso XIII não só entrou no jogo dos conservadores, senão que tem sido o principal triumpho de Maura. De que fórma? Negando successivamente, sob o pretexto de respeito pela representação nacional, a dissolução das camaras aos srs. Montero Rios, Moret e Lopez Dominguez. O rei sabe bem, e ainda melhor o sabe quem o está inspirando, que com as camaras actuaes não ha governo algum liberal que se possa sustentar, quanto mais, que possa realizar um programma qualquer de reformas.

De modo que chamando a um por um os diferentes chefes liberaes e encarregando-os de formar gabinete, mas negando-lhes ao mesmo tempo os meios constitucionaes para esses gabinetes viverem, Affonso XIII livra-se machievelicamente do programma das

reformas que a camarilha tanto teme, e vai inutilizando todos os chefes liberaes, com o fim de tornar a solução conservadora inevitavel. Pretextada que se não quer separar dos liberaes, mas conserva os manietados para nada poderem fazer. No genero de machievelismo politico é o mais perfeito, que se póde imaginar.

O que admira é que os diferentes chefes liberaes se hajam prestado a semelhante comedia, e não tenham visto o laço em que cahiam, accetando o poder sem a condição previa da dissolução da camara. Se o primeiro chamado pozesse logo de entrada esta condição e o rei a isso se negasse, estava desde esse momento a corda desmacarada, porque havia de conceder a dissolução aos conservadores depois de a ter recusado aos liberaes. O partido liberal ficava no seu posto, com o paiz pelo seu lado; e o rei assu-



No Velodromo. — Mr. Barley nos saltos em altura, foi vencedor o sr. Bawes

mia inteira a responsabilidade de entregar o poder aos conservadores contra a vontade da nação. Pelo contrario, com as successivas crises que cada vez mais o teem debilitado, o partido liberal está completamente desacreditado e impossibilitado por consequencia de cumprir a sua missão.

Será mais solida a situação do gabinete Veja d'Armijo? Conseguirá elle melhor do que os seus predecessores navegar por entre as dificuldades, que o aguardam? Não nos parece, e ninguem se deve illudir a respeito do relativo favor com que pela opinião publica o governo foi recebido, favor mais devido ás circumstancias especiaes em que o governo se formou, do que á confiança que os actuaes ministros inspiram. Não ha duvida que todos os chefes liberaes, a começar pelo proprio Moret, prometteram apoio á situação. Não ha duvida, que se resolveram a continuar nos seus respectivos cargos de presidente do Senado e presidente da Camara dos deputados os srs. Montero Ríos e Canalejas. Não ha duvida que o novo presidente do conselho prometteu fazer sua a lei das associações, apresentada pelo gabinete Lopez Domingues. Não ha duvida que a entrada do conde de Romanones no actual ministerio é indício de que o marquez de la Vega d'Armijo está disposto a seguir na esteira d'este irrequieto e avançado estadista. Mas... a maioria continua a ser a mesma, porque o presidente do conselho não pôz como condição ao rei para a acceitação do poder a dissolução d'ella, e n'essa maioria o sr. Moret está prompto no momento psychologico a escrever segunda carta a Afonso XIII, contando lhe as desavenças dos liberaes. Quem atraiçoou politicamente o general Lopez Domingues, póde muito bem atraiçoar o marquez de la Vega d'Armijo...

De fórma que os acontecimentos proximos futuros na nação vinha podem assim desde já prevêr-se: depois dos primeiros dias das convenções treagoas parlamentares principiará outra vez a urdir-se a teia em volta do ministerio. A maioria (leia-se: os amigos do sr. Moret) começará a hesitar e a levantar objecções aos projectos do governo. Entretanto as 40.000 assignaturas alcançadas pela duqueza de Bailen darão entrada triumphal no paço do Oriente.

O rei, embora commovido por esta demonstração de piedade das senhoras catholicas hespanholas, mais se convencerá da necessidade de dar toda a força aos liberaes, chegando o seu patriotismo até ao ponto de querer lançar se nos braços do sr. Canalejas, o que para Afonso XIII será na actual conjunctura um acto heroico. Mas como tem religioso respeito tambem pela representação nacional não levantará mão sacrilega contra as actuaes côrtes.....

Experimentadas sem resultado todas as soluções liberaes possíveis, o rei constangido chamará para formar ministerio D. Antonio Maura... *Erat in fatia.*

CONSIGLIERI PEDROSO.

Helena

Todos gostavam d'ella. A pobre Helena era Costureira no sitio. A morte do marido Ficara-lhe Luiz, creança que lhe dera Vigor para o lidar jamais interrompido.

Como dá força o amor! Ao despontar da aurora Levantava-se Helena, e esta mulher doente Punha-se a trabalhar inda antes do sol fora, A acalentar o filho e a rir-se de contente.

E se acordado já elle entreabria os olhos, Davam n'alma da mãe uns magicos lampejos, Esquec a de todo o seu viver de escolhos E a alma cheia de amor lhe rebentava em beijos.

Tinha ha muito uma ideia, isto é, fazia o plano De vestir ao pequeno um fatosinho novo No dia em que fizesse o seu primeiro anno, E ouvir orgulhosa o bemdizer do povo.

Custava-lhe isto muito. A pobre costureira Mal tinha o pão do suor que os infelizes tem. Trabalhou noite e dia. E que infernal barreira Não vence, não transpõe um coração de mãe?

Vestiu o pequenino e foi feliz um dia. Beijou-o muito, penteou-lhe os seus cabellos louros. A pobreza tambem tem horas de alegria Como a riqueza tem tristezas e thesouros.

Mas os dias de vida escoados de cansaço, Pesavam mais e mais á triste rapariga. E ella que tinha o pão no enfraquecido braço, E o pão, que se mingrava ao pezo da fadiga!

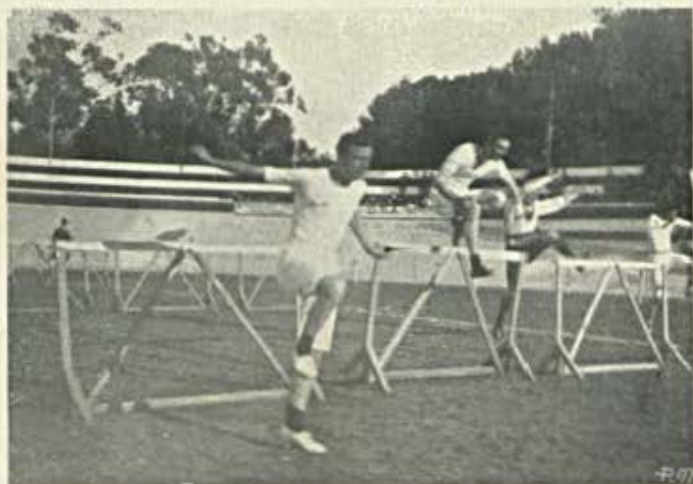
Então esta grande alma, este ninguem do mundo Teve estranhas visões de louco desalento. Morrer! Cortava-lhe isto o coração tão fundo! Expirar junto ao filho o derradeiro alento!...

Veiu o outomno, a estação que nos desfolha as flores; Helena emfim, morreu; chora em redor a gente, E beijam-na no chão os tremulos fulgores Do moribundo sol nas horas do poente.

Uma pobre mulher que entrára então chorando Leva a creança d'alí, mas ao sair da porta «Oh mãe! oh mãe!» gemeu-lhe a boca soluçando, O sol tremeluziu e eu vi mexer a morta.

Fayal (Açores)

M. Joaquim Dias.



No Velodromo. — Corrida de barreiras — vencedor o sr. Leith, do «Ca» cavallos Club»



Conde de Sabugosa

O sr. conde de Sabugosa acaba de prestar um excellente serviço às letras portuguezas.

O «Auto da festa», desconhecido até hoje, vem augmentar e enriquecer a vasta galeria de Gil Vicente. O papel do sr. conde de Sabugosa no descobrimento e apresentação d'esse precioso trabalho litterario do fundador do theatro nacional, di-lo elle modestamente no Prologo do «Auto», trabalho que só por si representa muita investigação, estudo muito apurado da epoca, e critica substancial e elevada, feita n'aquelle esmero de forma que caracteriza a obra litteraria do sr. conde de Sabugosa.

Juntamente com a primeira parte do Prologo damos uns versos de Gil Vicente arrancados ao acaso do «Auto da festa».

AUTO DA FESTA

I

Prologo

Eu não sou n'este Auto senão a figura que no theatro antigo vinha à bocca da scena declamar o prologo, explicar a acção, expor n'um prefacio o argumento da peça dramatica, levar ao conhecimento dos espectadores circumstancias de que o auctor desejava informar-os antes dos personagens falarem, preparar o animo do auditorio para melhor apreciar as bellezas da obra.

Serei aquelle que, no theatro grego e no latino, ou seja em Euripides e Aristophanes, ou em Plauto no seu *Amphytrion*, dava ao publico o antogosto das peças, e lhe facultava, com o conhecimento do enredo, a capacidade de tranquillamente e sem surpresas, avaliar a qualidade litteraria do poema.

Serei o representador, o festeiro, o mordomo do Auto de El-Rei Seleuco que no côrro de Estacio da Fonseca, enteado do reposteiro de El-Rei D. João III, n'aquella noite em que, celebrando as nupcias de uma pessoa de familia, figurava ter sido encarregado por Camões, o proprio auctor, de recitar o curioso prologo em que diz para os espectadores: «Vossas mercês é necessario que se cheguem uns aos outros, para darem logar aos outros senhores que hão de vir».

Serei o licenciado da Comedia de Rubena, o frade da *Mofna Mendes*, a figura do auctor no *Templo de Apollo* e no *Triumpho do Inferno*, e serei ainda o licenciado do Auto da Lusitania que vem dizer:

*Gil Vicente, o auctor,
Me fez seu embaixador.*

Serei tambem o pae de Lediça que exclama:

*Para que cumpridamente
Aito novo inventemos,
Vejamos um excellent
Que presenta Gil Vicente,
E per hi nos rejeremos.*

Citados estes versos, que tão apropriadamente podem servir de epigraphe ao presente prologo, vejamos o que seja este, por assim dizer, aito novo que presenta Gil Vicente.

Novo, ou quasi novo sim, porque era ignorado e desconhecido este Auto do fundador do theatro portuguez, que adiante vae.

E se entro a falar antes que os outros personagens que n'elle figuram, é para explicar os motivos por que dou a estampa esta preciosidade, que seria inestimavel já só por si, se, no valor que lhe dá a raridade bibliographica, não viesse juntar-se o merecimento intrinseco de revelar tantas das qualidades typicas da musa jovial do alto poeta.

II

A musa de Gil Vicente, aquella musa que porventura passou ainda tamanha, e quasi muda, nos serões do Paço, em tempos de D. João II, onde poetas palacianos, trovadores cortesãos e damas apreciadoras da *gaia sciencia* versejavam à porfia, trocando apodos, villancetes e *cousas de folgar*, e que encheu os dois reinados, de D. Manoel e D. João III, com o seu pluriforme engenho, essa musa tem o condão de ser a todos interessante, e de dar aos espiritos das successivas gerações, que se tem seguido até agora, aquella impressão de arte, aquella vibração do senso esthetico latente em todos nós, e que só os genios sabem provocar.

Essa musa, cheia de graça e vivacidade, sagaz no conhecimento do coração humano, gaiata e leve na forma do *mal dizer*, satyrica no flagellar dos defeitos e vicios, perspicaz na observação da sociedade que a rodeia, essa musa rica de sal, elegante no estylo e harmoniosa no versificar, soube, desde que appareceu, captivar a attenção dos que a escutavam e dos que tem lido as obras do poeta, por mais diversos que sejam os temperamentos d'esses leitores.

N'aquella sociedade tão culta dos principios do seculo xvi, Gil Vicente impressiona e attrae as attentões de todos.

Interessa o espirito da Infanta D. Beatriz, mãe de El-Rei D. Manoel, que no dizer de alguns (1) foi quem encomendou ao poeta aquelle Auto pastoril chamado da *Visitação*, que elle recitou, na noite de 7 ou 8 (2) de junho de 1502, no quarto onde a Rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manoel, tivera, dois dias antes, o primeiro filho, que veio a ser D. João III.

Foi elle *persona grata* à Rainha D. Leonor, viuva de D. João II, a irmã de El-Rei D. Manoel, que sempre mostrou grande predilecção pelo poeta, tendo-lhe encomendado muitas das suas peças, assistido a bastantes d'ellas, e trazendo-o muita vez na sua côrte, como se vê do processo de Vasco Abul (3).

Consolou a *catholica e santa Rainha D. Maria*, na sua propria camara, estando enferma do mal de que falleceu, representando-lhe a *Barca do Inferno* (4).

Seduziu as duas individualidades tão diversas de D. Manoel e D. João III, o primeiro dos quaes, ou tivesse sido ou não discipulo de rhetorica (5), o encarregou successivamente de compor e representar autos na sua côrte, e o segundo que já desde Principe assistia com agrado às suas representações, entrando até em algumas d'ellas (6), e encarregando-o de colleccionar as suas obras, trabalho que mais tarde foi effectuado pelo filho Luiz Vicente e pela filha Paula Vicente, a *Tangedora*, a quem deu o privilegio para a publicação das obras de seu pae.

Encantou a Infanta D. Beatriz, filha do Rei D. Manoel, para cuja despedida compoz a tragicomedia *Côrtes de Jupiter*, que foi representada nos Paços da Ribeira em 1521 (7). N'esta peça, que trezentos e dezasete annos depois havia de inspirar a formosa comedia de Garrett, figura o poeta que a infanta portugueza, partindo por mar para ir casar com o Duque de Saboya, é seguida pelo povo, pela côrte, e

*por toda a geralidade
dos nobres por esse mar*

que, transformados em animaes marinhos e todos feitos pescados, vão seguindo até Cas'aes o galeão que

Leta a linda desposada

para que ella

*Não caminhe esta jornada
Com saudade suspirando,*

Encantou tambem a irmã — a *sacra e preclarissima sagrada e soberana Imperatriz D. Isabel*. Comquanto «enferma de febrês» Gilete não a deixou partir sem a saudar sentidamente na tragicomedia do *Templo de Apollo*.

Foi enlevo de D. Sebastião ainda criança, como se vê da dedicatória de Luiz Vicente (8) quando lhe diz: «E porque sei que já agora n'essa tenra idade de Vossa Alteza gosta muito d'ellas, e as lê e folga de ouvir representadas».

Recreou a mystica Rainha D. Catharina que sempre assistia às representações das suas peças, como por exemplo ao *Triumpho do Inferno*, que representou em Lisboa na occasião d'esta senhora ter um filho, e ao auto da *Historia de Deus*, que se deu em Almeirim para seu prazer.

Tambem os Infantes irmãos de D. João III: D. Henrique, D. Affonso e D. Luiz, eram grandes apreciadores dos autos, sendo até a este ultimo attribuida uma das peças da escola vicentina que corre na tradição com o nome de *Auto de D. Luis de los Turcos* (9).

Lisongeava acariciando o amor proprio, ou feria sublinhando os defeitos de muitas das individualidades, e das classes perante as

quaes representava. E as suas phrases eram, ou douradas abelhas carregadas de mel do Hymeto que adoçavam a vaidade dos ouvintes amimados, ou perfurantes vespas que ferroavam a epiderme dos visados pela sua veia sarcastica.

VERDADE

Se tu diante lhe deitas
duas duzias de perdizes
e outras semelhantes penitas (10)
farás que as varas direitas
se tornem em cousas fritas

Porque he tanta a cobiça
nós que agora tem mando
que em al não andam cuidando,
e a coitada da justiça
anda da sorte que eu ando.

VILLÃO. Ora bem e quem sois vós?
assi estais tão prosperada.

VERDADE. Eu são a filha de Deos,
que ando cá entre vós
muito pouco estimada.

VILLÃO. E bem, como vos chamais?

VERDADE. A mim chamam-me a Verdade.

VILLÃO. Vae-me dando na vontade
que isso que vós fallais
que he tudo falsidade.

VERDADE. O que eu te digo é assi,
não duvides nemigalha.

VILLÃO. Ora bem, que Deos vos valha,
encaminhai-me a mi,
como vença esta demanda.

VERDADE. Não te quero aconselh r,
porque teu mal não tem cura,
pois que não tens que peitar;
porem deitar a nadar,
e encomenda-te á ventura,
que ella te ha de guiar.

VILLÃO. Segundo meu parecer
eu vou de mal em peor;
não me quero mais deter;
fizei com nosso senhor.

Liberdade de imprensa

Muita gente não comprehende ainda que a dignidade humana e o progresso humano dependem do goso de todas as liberdades, n'um paiz que se chama livre, e que, sendo todas essas liberdades usufruidas, a imprensa entrando na lei geral do equilibrio estavel, será mais serena, evitando naturalmente o que hoje se chama o *abuso* da imprensa.

N'uma maquina, quando todas as valvulas funcionam com regularidade o apparelho trabalha satisfactoriamente. Mas se uma d'ellas falla, tudo se transtorna.

E' por isso que a compressão de uma das liberdades produz inevitavelmente a expansão e o abuso da outra. Se disfructassemos franca e lealmente da liberdade eleitoral, da liberdade de reunião e da liberdade de consciencia, os abusos da imprensa desappareceriam consequentemente. E, quando todas as liberdades forem supprimidas, a sociedade terá fatalmente de appellar para a revolução.

Acerca deste momentoso assumpto, é digna de ser meditada a opinião do escriptor russo Novicow que sustenta que toda a medida coercitiva produz um resultado diametralmente opposto ao que se pretende atingir, e que toda a lucta intellectual tem de ser feita por propaganda, consistindo o grande erro dos governos em não comprehender que uma propaganda não pode ser combatida com medidas coercitivas.

Uma lei civil ou politica não pode ser efficaz, senão quando é conforme com a lei natural. Aliás deixa de ser cumprida, e produz um effeito inteiramente contrario ao que se tem em vista com a sua promulgação.

Foi prohibida a usura para que descesse a taxa do juro, mas dessa prohibição resultou a elevação do juro.

Prohibiu-se o trafico dos negros para que diminuisssem os soffrimentos dos escravos africanos; mas esses soffrimentos augmenta-



Dr. Pereira Passos

Foi nosso hospede durante dois dias o ex-prefeito do Rio de Janeiro, dr. Pereira Passos, cujo retrato publicamos no n.º 182 de 16 de setembro de 1903, acompanhando o de algumas notas biographicas.

O dr. Passos foi o homem de acção e energia que soube vencer todas as difficuldades para transformar por completo a cidade do Rio de Janeiro, introduzindo-lhe melhoramentos materiaes e aformoseando a. Durou a sua gerencia apenas quatro annos. Quem hoje desembarca na grande bahia do Rio não reconhece a velha e soturna cidade, tal é a metamorphose por que passou n'esse curto espaço de tempo.

O «Brasil-Portugal» cumprimenta o illustre brasileiro que, no regresso da sua viagem pela Europa, projecta d. morar-se alguns dias em Lisboa.

(1) Brito Rebello, *Gil Vicente*, pag. 26.

(2) Vide a interessante nota do sr. Sousa Monteiro a pag. 245 do *Boletim da 2.ª classe da Academia Real das Sciencias*, vol. 1, 1898-1902.

(3) *Cancioneiro de Resende*, III, 523 e segs.

(4) *Auto da Barca do Inferno*, rubrica da edição *princeps*, que differe das outras, como depois veremos.

(5) Como insiste em crer o sr. Theophilo Braga.

(6) *Comedia do Viuvo*, *Obras*, tomo II, pag. 99.

(7) Posto que a rubrica das *Obras* fixe a data de 1519 para a representação da tragicomedia, o que é certo é que Garcia de Resende, testemunha presencial da festa, dá-a como realizada em um domingo 4 de agosto de 1521. Foi n'esse dia que El-Rei, Rainha, Infantes, e a Infanta Duquesa na volta da Sé, para onde se haviam dirigido ás quatro horas da tarde com o acompanhamento que o pittoresco chronista descreve, — «Deceram no Paço e em hua muy grãde salla armada toda de muy rica tapeçaria domro, e muito bem aleatificada, dorcel, cadeiras, e almofadas de muy rico brocado se começou hu grande serã em que El Rey Nosso Senhor d'acou có a Senhora Infante Duquesa sua filha, a Rainha nossa Senhora com a Infante Dona Isabel, o Principe Nosso Senhor, e o senhor Infante Dom Luys com damas que tomáráo. E assim dançará todos os galantes que hiam a Saboya, e muytos outros senhores, e galantes, que durou muyto. E as danças acabadas se começou hua muyto boa, e muyto bem feyta comedia de muytas figuras muyto bem ataviadas, e muyto naturaes feyta, e representada no casameto e partida da Señora Infante consa muyto bem ordenada, e bem a proposito, e com ella acabada se acabou o seram».

Garcia de Resende, «Hida da Infanta D. Beatriz pera Saboia», na *Chronica de D. João II*, pag. 143, mthi.

(8) *Obras*, Appendix, pag. XXXVII.

(9) Tambem tem sido attribuido ao filho do poeta, e tambem a seu neto Gil Vicente de Almeida. Theophilo Braga, *Eschola de Gil Vicente*, pag. 227. E porventura apenas teria por assumpto a parte que o Infante portuguez tomou na expedição a Tunis.

(10) Será talvez *speitass*. Poderá tambem porventura ser *penitas* um diminutivo de *pennas*, querendo assim o auctor indicar — outras aves semelhantes a perdizes.

ram consideravelmente com o estabelecimento dos cruceiros. Os fallecimentos a bordo passaram de 19 % a 25 %.

Os governos soffrem as mesmas decepções no terreno intellectual. Desde que perseguem uma propaganda, ella ganha terreno, em lugar de o perder.

Na Allemanha, os socialistas dispunham de 493.288 votos em 1877, antes da lei promulgada contra elles; e em 1890 depois de dose annos de um regimen de excepção, elles obtiveram 1.341.587 votos, quasi o triplo.

Se uma associação não tem razão de ser, ella dissolver-se-ha por si propria; mas se for perseguida, transformar-se-ha em sociedade secreta, cuja organização será tanto mais poderosa, quanto mais for perseguida, augmentando-se a solidariedade entre os seus membros que passarão do heroismo ao fanatismo. N'uma associação trabalhando em plena luz, as dissensões e as scizões são frequentes; mas, logo que se torna secreta, a disciplina augmenta, tornando-se a sua acção mais efficaz.

Um exemplo da inanidade das medidas coercitivas na lucta intellectual forneceu a Inglaterra em 1817, quando o governo inglez julgou dever perseguir a imprensa sediciosa. Affirma Spencer que artigos sem valor que, sem aquella circumstancia, não teriam tido mil leitores, foram lidos por milhões de individuos.

Quando os governos classificam de más certas ideas, e prohibem a sua propagação, essa prohibição activa a propagação.

A censura faz um grande mal ás sociedades, porque, pretendendo deter o seu desenvolvimento mental, não attinge o fim; e os escritos prohibidos e effectivamente inconvenientes são precisamente os que são mais lidos, e gosam mais da sympathia do publico, mesmo quando sejam mal feitos.

Com a liberdade da imprensa desenvolve-se a planta útil e sã, e com a imprensa amordaçada pululla o bolór putrido.

Um grande jornal como o *Times* empenhar-se-ha em não publicar infamias. Mas a grande empresa do *Times* não poderia existir n'um paiz em que a imprensa e os capitães n'ella engajados estivessem á mercê do capricho de um ministro.

Toda a historia da humanidade tem sido uma lucta continua contra o erro. Certas proposições consideradas outr'ora como axiomas indiscutíveis tem sido reconhecidas como inteiramente falsas. Quem pode assegurar aos governos que não gosam o dom da omniscencia que certos principios tidos na occasião por inexactos, não serão mais tarde considerados como verdadeiros?

O que faz precisamente a liberdade da imprensa, é que ella submete as ideas a uma grande analyse e concorrência.

E quanto mais livre for essa analyse, mais probabilidades haverá de que as ideas erroneas sejam eliminadas em breve tempo. E é exactamente isso o que a ingerencia governamental impede no dominio do pensamento, de modo que o Estado, pretendendo impedir a propagação de principios falsos, detem o desenvolvimento de principios verdadeiros.

Mas não é bastante impedir a expansão do erro, é preciso tambem espalhar a verdade, porem os governos são n'este ponto completamente impotentes porque as ideas se espalham pela propagação oral ou pela propagação escripta.

Se um governo procede da opinião publica, essa opinião deve preceder a opinião do governo, não abusando este das suas faculdades, porque não é o governo que forma a opinião, mas é a opinião que deve formar o governo, quando a força publica não falte á sua missão, apoiando o governo contra a opinião publica.

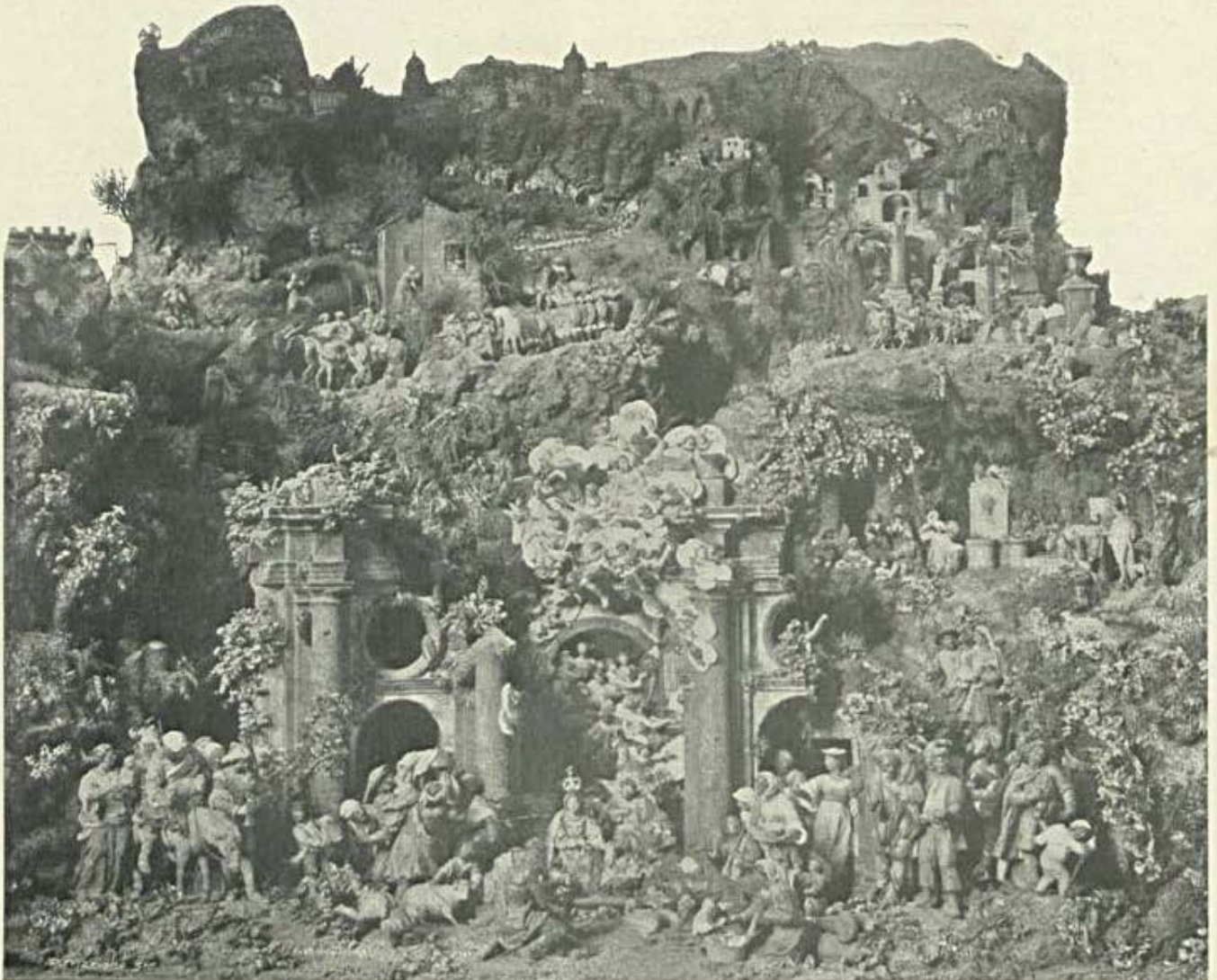
Os individuos que propagam as ideas do governo, são por elle pagos, o que lhes tira o valor. O panegyrista tem de empregar toda a sua habilidade em dissimular essa qualidade, porque alias os seus escriptos cabem no descredito mais completo, e o publico não lhes dá importancia.

Os processos coercitivos são portanto inapplicaveis para a propagação das ideas, e mal andam os governos em os exercer.

Estes principios da liberdade da imprensa são infelizmente desconhecidos dos proprios governos que querem passar por liberaes, o que é pouco honroso para os povos que os supportam.

C. DE BRITO.

O presepe da Sé de Lisboa



Escultura de Machado de Castro

ACTOR BRAZÃO



Eduardo Brazão em alguns papéis do seu vastíssimo repertório

N.º 1. *Alcacer Kibir*, de D. João da Camara. — N.º 2. *Segredo de Confissão*, de Lorjô Tavares. — N.º 3. *Bibliothecario*. — N.º 4. *Madrugada*, de Fernando Caldeira. — N.º 5. *Leonor Telles*, de Marcellino Mesquita. — N.º 6. *Hamlet*. — N.º 7. *Manciek*. — N.º 8. *Velhos*, de D. João da Camara. — N.º 9. *Amigo Fritz*. — N.º 10. *Kean*. — N.º 11. *Afonso VI*, de D. João da Camara. — N.º 12. *Quo Vadis?* — N.º 13. *Afageme de Santarem*. — N.º 14. *O que morreu de amor*, de Julio Dantas. — N.º 15. *Morta*, de Lopes de Mendonça.



D. Africa de Calimerio

Cantora distinctíssima, D. Africa de Calimerio—aluna de artista—nasceu na Mina de S. Domingos, no Alentejo, onde seu pae, o engenheiro Eduardo Silveira, residiu durante alguns annos. Fez os seus primeiros estudos em S. Paulo, no Brasil, e mais tarde teve por mestre, no Rio de Janeiro, o celebre professor de canto Louis Gilland. A sua voz de soprano, agul e nua-level, tem sido alvo de ruidosos applausos em todos os concertos e festas de caridade a que sempre presta o seu concurso.

D. Maria de Calimerio não descurou a arte a que se dedicou, e hoje continua os seus estudos com o notavel maestro e professor de canto, Francisco Codivilla.

O «Brasil-Portugal» saúda a illustre amadora, que ha dois annos vive entre nós, e que tanto honra o paiz que lhe foi berço.

Theatros

D. Maria — D. Amelia — Trindade — Gymnasio — Rua dos Condes — Principe Real — Colyseu dos Recreios — Grande Casino de Paris — Music Hall — Avenida, Espinha do Diabo.

D'antes o chronista sentia-se á vontade todos os quinze dias para falar de theatros. Raros eram aquelles que não offerecessem á critica, n'esses intervallos, peças novas a registar, trabalhos a apreciar e artistas a discutir. E resultava d'ahi que todas as vezes que o jornal apparecia tres ou quatro columnas eram consagradas á analyse de peças novas.

Mas, para não deixarem de mudar em tudo, até n'isto as coisas mudaram. Hoje o chronista vê se todos os dias n'uma difficuldade dolorosa. Sente a necessidade de preencher com certo espaço consagrado aos theatros e tem de reconhecer a necessidade imperiosa de não cumprir esse dever, por falta de materia prima. N'um relance percorre todas as casas de espectáculo de Lisboa e averigua que de tudo, o que está em scena já tratou n'outro numero, todas as peças, aclamadas ou não, são já conhecidas do publico da Revista, já sobre todas ellas se exerceu uma apreciação que se procura ser a expressão da verdade.

Que vem elle então fazer cá? Uma cousa muito simples: tomar o seu posto á hora marcada. Não poderá chamar-se lhe um posto de combate, mas é evidentemente um posto de observação.

E n'este momento observa o quê? Em os theatros — todos — estão contentes com o publico e o publico por seu lado está contente com os theatros. Pois só assim se explica que o Hamlet, a Ceia dos Cardeaes, a Mantilha de renda, El rei Seleuco e o Intimo, umas que pertencem ao passado, outras que apesar de contemporaneas tem já os cabellos brancos, todas ellas em summa ainda teem o condão, e o poder de encher a sala do theatro de D. Maria.

Se se volta para D. Amelia continua a encontrar em scena A rajada e lá tem de aguardar com paciencia espectáculo novo, pois sabe que até que o Gulliver suba á scena, só desfilarão deante dos seus olhos os personagens que ainda na vespera applaudira.

Na Trindade as Tangerinas magicas não são bem uma magia; são uma Mascotte. Nem já quer outra coisa a empreza e tem razão porque emquanto o pau vae a vem folgam as costas e vale mais um passaro na mão que dez a voar. Ora, as Tangerinas agradam tanto a todos os paladares que arranca-las de scena e com a aventura arriscada em pleno exito! Lá estão, lá continuam e continuarão a estar até a consummação dos seculos.

A' excepção da espirituosa comedia Os Lusíadas, de Julio de Menezes, com excellento desempenho de Jesuina Saraiva e Augusto Machado, o Gymnasio está nos casos da Trindade. São Os creanças, e O Pae da Patria, são todas as comedias e charges hilariantes do genero, que teem o seu

throno n'aquelle theatro, nem mesmo chegando a comprehender-se que fóra d'elle deixassem de estar deslocadas.

Na Rua dos Condes são as Revistas que batem o record. De pernas para o ar e Em hastes limpas teem lá chamado Lisboa e a provincia inteira. Os ouvidos castos da auctoridade policial não permittiram que a primeira continuasse em scena por julgarem n'a attentaria da moral, mas, como muit porte consei, reflectiram que seria um erro crasso manter essa resolução e lá está outra vez, triumphante a peça que dera mais de 300 representações.

No Principe Real está e estará o Templo de Salomão que deu no goto ao publico e cujo apparatus scenico, e cujo excellento des-empenho, a começar por Palmyra Torres, tanto teem contribuido para o exito da peça da qual fez uma formosa versão o sr. Maximiliano de Azevedo.

O Colyseu dos Recreios com as suas muitas novidades, ganha de dia para dia a attenção do publico e prova que a vara magica de Antonio Santos teem todas as noites o condão de o atrahir e encantar.

Matinées em pacatos theatros, bailes aos domingos na Trindade, o Grande Casino de Paris vencendo em toda a linha e enchendo, a cada espectáculo, o seu elegante salão, se um publico que já se habituou a não ir para outra parte; a Music Hall da Avenida com o seu animatographo e o seu orgão tendo todas as noites enchentes colossaes, eis os espectaculos que Lisboa está offerecendo aos seus habitantes e aos forasteiros.

Mas não são ainda todos: de um nos falta falar, e muito de proposito o guardamos para o fim. E' o theatro Avenida onde uma peça nova se representa: A espinha do diabo, vaudeville engraçadissimo, que Freitas Branco apropriou com todo o seu savoir faire, que Del Negro adornou de encantadores trechos de musica, e a que José Ricardo e a Loppiccolo deram no desempenho extraordinario relevo com o talento e a arte de representar que os distingue a ambos.



Uma obra prima